

---

## TRAUMA E ESTÉTICA EM *IMÁN* DE RAMÓN J. SENDER

Antonio Valmario Costa Júnior  
Orientadora: Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento  
Mestrando

### RESUMO

*Imán*(1930), primeiro romance do escritor Ramón J. Sender (1901 – 1982) traz em seu protagonista, o soldado Viance, as marcas traumáticas de uma geração de camponeses e operários que serviram compulsoriamente ao exército espanhol durante a Guerra del Rif,(1919 – 1927) entre Espanha e Marrocos. Nosso objetivo principal é identificar o percurso da desestruturação psíquica do personagem, desestruturação esta que revela algumas das situações conflitivas entre o Estado, a Igreja, as classes menos favorecidas e o indivíduo, prenunciando a matriz dos problemas que emergiriam na Guerra Civil Espanhola. Finalizando, nos propomos a tecer algumas considerações sobre a estética da obra naquilo que ela revela do esforço do autor na representação do trauma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ramón J. Sender, *Imán*, Guerra del Rif, Guerra Civil Espanhola, trauma.

O aragonês Ramón J. Sender (1901 – 1982) foi escritor e jornalista. Lutou como soldado do exército espanhol na Guerra del Rif (1919 – 1927) e como combatente republicano na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Com a implantação da ditadura do General Franco (1892 – 1975) exilou-se no México e depois nos Estados Unidos. Por razão de ter recebido o prêmio Planeta por *En la vida de Ignacio Morel* (1969) regressou à Espanha, aonde voltou de novo para algumas temporadas principalmente a partir de 1974. Veio a falecer em 1982 nos Estados Unidos.

*Imán* (1930) vem a ser o primeiro romance de Sender. O livro relata a trajetória de *Viance*, aldeão aragonês oriundo de uma vida rural miserável que é sorteado para ir de quintas (serviço militar obrigatório espanhol) e como recruta se incorpora às tropas que iriam combater os mouros marroquinos no norte da África, durante a Guerra del Rif.

Este exército formado pelas camadas mais pobres dos lugares mais pobres da Espanha é que acabou por enfrentar as *cabilas* marroquinas lideradas por Abd el- Krim (1882 -1963) na Guerra del Rife que por elas foram destroçadas cruelmente na batalha que passou a ser conhecida como “O Desastre de Annual” (1921).

*Imán* é um relato desta guerra, é um relato de uma Espanha partida entre oligarquias de direitos feudais e um povo de deveres servis. É um retrato do espectro histórico engolfando o homem comum espanhol, o jovem *Viance*, no turbilhão dos acontecimentos da década de vinte do século passado, prefigurando a atmosfera dos anos vindouros de Guerra Civil Espanhola, cujo estado de anomia seria definido pelo próprio Sender através da reflexão de que “unas veces el hombre domina las circunstancias y otras es dominado y arrastrado por ellas”.

Em *Imán*, a guerra se revela em seu caráter mais opressor e desumanizador possível, levando *Viance* e os seus à condição de espectros ambulantes sem crenças e esperanças, sendo que ora isso é relatado por um narrador - testemunho, ora pelo próprio *Viance*, ora por um *alter ego* do autor, o *sargento Antonio*. Torturas e mutilações acontecem seguidamente debaixo da capa de uma oficialidade incompetente e corrupta, uma monarquia covarde e uma Igreja Católica Romana tibia e omissa.

*Imán* é um romance estruturado em dezesseis capítulos, divididos em três partes. A primeira parte se denomina “*El campamento, El relevo*”; a segunda e maior parte leva

o título de “*Annual, la catástrofe*” e a terceira “*Salvación, La guerra, Licenciamento, La paz de los muertos*”.

A primeira parte compreendida entre os capítulos I e V, encontra Viance e o sargento Antonio em um acampamento no deserto, onde o exército espanhol se prepara para meter *el convoy en T*. Nil Santiáñez considera que provavelmente, Sender está referindo-se à posição Tifaruin, aonde em 22 de agosto de 1923, os espanhóis romperam a linha de resistência rifeña buscando dar passagem a um comboio de apoio logístico. Em meio ao cotidiano da preparação, o autor no capítulo III, faz uso de uma analepse aonde Viance recorda fatos de sua infância e adolescência anteriores ao seu ingresso na vida militar, mas passada esta recordação a narrativa retorna à rotina do serviço de guarda.

A segunda parte, que vai do capítulo VI até o XI é efetivamente a mais extensa e a mais intensa e introduz o leitor em nova analepse, aonde é contada a história de Viance durante o Desastre de Annual e sua fuga desesperada em meio às flagelações e torturas impostas pelos mouros. Viance encontra-se na *posición R.*, que presume-se ser a posição *Igueriben* que estava postada a frente do acampamento de *Annual*, durante os acontecimentos ocorridos entre 21 de julho e 6 de agosto de 1921. A narrativa compreende o assédio e o assalto final dos mouros à posição; o abandono da posição, a fuga através do deserto e o aprisionamento de Viance na *fabrica de harinas*.

O que é traço fundamental desta parte da narrativa é a configuração da extrema crueldade somada à extrema exaustão que em meio a banalização sádica da morte, termina por levar Viance ao aniquilamento das suas forças físicas e psicológicas, infligindo -lhe um estupor dos sentidos. É justo esta suspensão da percepção sensorial que oferece um deambular existencial e metafísico à consciência de Viance aonde através dos eventos que lhe são apresentados pelo texto, ele reconhece as grandes questões humanas, históricas e sociais que lhe são expressas pelas vísceras expostas, pelos membros amputados, pelas empalações e crucifixões com os quais ele esbarra em sua fuga.

A terceira parte está compreendida entre o capítulo XII e o XVI. O capítulo XII ainda se situa no rol dos acontecimentos travados em *Annual* e conta o escape de Viance da vigilância dos mouros e sua chegada em Melilla. No abrigo desta cidade, de guarnição espanhola, ele esperava encontrar o descanso, o cuidado e o reconhecimento digno de um sobrevivente do holocausto que enfrentara. Contudo é maltratado,

humilhado, minimamente cuidado em seus ferimentos e sem ter sequer direito a descanso é reconduzido ao serviço apesar das feridas. Ao insubordinar-se com o oficial médico é punido com um reengajamento por mais dois anos. O capítulo XII reconduz a narrativa ao tempo presente do acampamento que figura no princípio do livro. A partir daí em meio à exposição da vida cotidiana do aquartelamento com suas peculiaridades e assimetrias, é narrado o combate para meter *el convoy en T*. Viance sofre novo reengajamento forçado. O autor se utiliza de uma prolepse e transpõe a ação para um ano depois com Viance preparando-se para ser licenciado no capítulo XV. O capítulo XVI conta seu retorno a Urbiés, sua aldeia natal, submersa por um pântano e aonde como soldado é desprezado pela população,

O ponto desta vigorosa obra ao qual nos sentimos convocados a compreender é o que relaciona as experiências de trauma e choque relatadas no romance e as ressonâncias testemunhais nas eventuais opções de configuração estética do livro.

Um primeiro dado que gostaríamos de assinalar diz respeito ao marco temporal que subsidia a narrativa ficcional. Basicamente ele remeteria ao primeiro terço do século XX, englobando tanto os fatos recordados por Viance sobre sua infância e adolescência, quanto o período passado no exército espanhol durante a guerra no Marrocos, bem como o seu licenciamento e volta para casa.

A Guerra del Rif sobre a qual se ocupa a maior parte da narrativa ocorreu entre 1919 e 1927, o que equivale dizer que preponderantemente os eventos narrados se dão no espaço entre as duas Guerras Mundiais e antes da Guerra Civil Espanhola.

Este marco temporal nos sinaliza que o cenário ficcional registra tanto heranças da Primeira Guerra Mundial quanto legados à Guerra Civil Espanhola e à Segunda Guerra Mundial. Todas de tez macabra.

O uso da guerra química, com origem no primeiro conflito mundial, nos é lembrado quando o boticário, como era conhecido determinado soldado, em meio ao assalto à posição T, com a boca tapada por um pano sujo, exclamava “– Iperita, coño, iperita. Han tirao más abajo con gases.” (SENDER, 2006, p. 353). O uso combinado do poderio naval e aéreo também transparece, quando o relato nos informa que “El fuego de los barcos de guerra, de los aeroplanos, es incesante y ahoga los ecos bajo la agrupación de estampidos secos o blandos.” (SENDER, 2006, p. 344).

Por outro lado, a Legião Espanhola cunhada nas árduas areias africanas, cuja ação torpe e cruel haveria de massacrar conterrâneos na Guerra Civil Espanhola e

emprestar combatentes e comandantes ao exército de Hitler tem uma aparição noviça revelada por Vianca quando ele considera que entre “Entre estos y los regulares hay competencia, y puede que los más decididos sean los legionarios.”(SENDER, 2006, p. 344).

A compreensão deste marco temporal se faz necessária porque ainda que muitas das reflexões sobre trauma, choque e testemunho tenham ganhado maior desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial, com o advento da *shoah*, devemos considerar que as práticas, processos, ideologias e tecnologias de aniquilamento foram procedimentos elaborados e continuamente aperfeiçoados ao largo das três décadas que a precederam.

Assim sendo, considerando as especificidades de cada evento e a própria singularidade que foram os campos de extermínio nazistas, acreditamos que os contornos dos efeitos traumáticos e suas eventuais repercussões narrativas também podem ser encontrados em um romance pré-Guerra Civil Espanhola como *Imán*.

A conexão entre os estudos sobre o trauma e o marco temporal anunciado aparece de forma nítida quando Márcio Séligman-Silva (1964- ) ao comentar os estudos de Sigmund Freud (1856-1939) sobre a questão traumática, nos informa que nas suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915-1917), realizadas durante a Primeira Guerra Mundial, o conceito de neurose traumática evoluiu no sentido de passar a ser considerado como um estado ao qual o paciente retornaria compulsivamente à situação traumática, como se estivesse diante de uma tarefa inconclusa a qual se sentiria impelido a terminar. (FREUD apud SÉLIGMAN-SILVA, 2007, p. 65-66).

Dentro do mesmo esforço em compreender os eventos traumáticos de guerra, Freud estabeleceu para o trauma, uma relação entre tempo e intensidade, na medida em que qualificou-o como:

[...] uma vivência que traz em um período de tempo curto um crescimento de estímulo de tal ordem, que o transporte (*Erledigung*) ou elaboração (*Aufarbeitung*), da mesma não se dá de forma normal, do que resultam distúrbios duradouros no funcionamento energético. (FREUD apud SÉLIGMAN-SILVA, 2007, p.66).

Ainda associada a estas observações há uma relação feita pelo psicanalista em *Para além do princípio do prazer*(1920) que para nós tem especial importância que é a relação entre trauma e pavor (SÉLIGMAN-SILVA, 2007, p. 66).

Toda situação de conflito, enseja um esforço para uma solução de alguma ordem, após a qual se nutre uma expectativa de autocontrole e previsibilidade dos

cenários até o surgimento do próximo conflito, dentro do que se poderia configurar como uma dinâmica de um organismo psíquico estruturado para a busca do equilíbrio.

Em nossas considerações sobre *Imán*, a relação entre trauma e pavor deságua principalmente na segunda parte do livro, *Annual, la catástrofe*, em que o horror estabelece um abismo de onde não é oferecido nenhuma saída, promessa ou futuro. Este ponto de ruptura irá atingir Viance passando a configurar para ele um divisor de águas.

A narrativa desta segunda parte inicia mostrando-nos Viance na *posición R*, sitiado pelas forças mouras já há dez ou doze dias, sendo que há três estão sem água e bebem urina. No entanto há esperanças. O comandante assegura aos soldados que “[...] habrá pronto um convoy, y desde luego castigaremos duramente a los rebeldes,” (SENDER, 2006, p. 172). Viance dentro de um ceticismo que ainda não beira a desespero mas a ironia, acredita que o efeito encorajador destas palavras só surgiria se acompanhados de uma barrica de água. Ele faz parte do destacamento que veio substituir a guarnição que estava na *posición R*. Os substituídos ao porem-se em marcha em direção a *Annual* são perseguidos e trucidados pelos mouros.

Dentro da *posición* há uma rotina de fossas coletivas onde: “[...] Ocho o diez más duermen ya bajo tierra, y hay tres “arrestaos” que los enterrarán cuando haya más,” (SENDER, 2006, p. 175). Os assaltos dos rifeños são intensos e permanentes. Dentro da *posición* ocorre uma sublevação dos regulares (mouros recrutados pelos espanhóis) que tentam fugir e pular o alambrado para juntarem-se às tropas mouras. São mortos mas antes matam alguns espanhóis. Um deles, corre sem direção e ilustra o início da ruptura que se prenuncia, pois Viance: “[...] siente la obsesión del loco y oye sus carreras y sus voces en árabe. La locura del indígena es como la levadura de la demencia de todos, el fulminante que hará estallar la razón de los demás.” (SENDER, 2006, p. 187-188).

Associada à extenuação física, ao aturdimento provocado pela explosão das granadas e ao ricocheteio dos tiros, a narrativa segue descrevendo os combates o estado de desagregação psicológica de Viance. Em dado momento, ele reflexiona que: “Consigue pensar en sí mismo, pero se ve atontado con la ecuánime frialdad con que se ve un desconocido.” (SENDER, 2006, p.192). O relato acentua a desorientação generalizada quando revela que cessado o assalto, os soldados “Vuelven a ir al mismo sitio, como si olvidaran algo, para regresar sin hacer nada.” (SENDER, 2006, p. 195), recordando o conceito de neurose traumática de Freud.

Quando a *posición* não tem mais como resistir, seu comandante envia mensagem à Annual, recomendando que após o canhão de número doze, o acampamento bombardeasse a *posición*. Porém para aqueles homens a morte deixa de significar o que de pior poderia acontecer a eles pois como adverte Viance: “[...] morirse no es tanto como parece. ¡Te mueres, y ya está!” (SENDER, 2006, p. 197). Esta perspectiva conduz-nos à interrogação sobre o que poderia significar este pior.

O fisiologista Marie François Xavier Bichat (1771-1802) ao considerar no organismo vivo a convivência da vida orgânica com a vida animal, pondera que a primeira tanto precede o nascimento da segunda quanto se estende depois de sua morte. Esta imagem identifica uma situação onde mesmo que haja a suspensão de uma relação coma exterioridade, a vida orgânica interior se manteria.

Bichat, segundo Giorgio Agamben (1942-), chega a imaginar a hipótese contrária. A de uma morte que diante da cessação completa das funções orgânicas, mantivesse as de sua função animal, aquela que se relaciona com o exterior. Bichat considera que esta hipótese geraria a possibilidade ao homem de buscar as coisas que já considerava benéficas mas livre das condicionalidades que eram impostas pelas necessidades orgânicas. De qualquer forma, como argumenta Agamben, estaríamos, tanto em um caso como no outro, defronte a um sobrevivente e que esta sobrevivência poderia resultar tanto em um sonho quanto em um pesadelo. (BICHAT apud AGAMBEN, 2008, 152-155)

No caso de *Imán*, pior do que a morte seria o pesadelo. À aniquilação física, se sucederia a aniquilação psicológica e no entanto alheio a esta morte, como na suposição bichatiana, não morreriam seus movimentos, suas dores, seus cansaços. Eles andariam e fugiriam ainda que mortos. Esta antinomia fica evidente quando tomada a *posición* pelos mouros, Viance foge e a narração nos comunica que: “La sensación de los supervivientes es la que podrían tener los muertos si pudieran alcanzar la consciencia de que acaban de morir. Cae. Se levanta; vuelve a caer.” (SENDER, 2006, p.202).

O processo de ruptura se intensifica e gera em Viance um desdobramento do Eu como se fosse a última forma possível de conferir uma inteligibilidade ao vivido. Por isso a ele lhe parece que: “Ha huido de su propia sepultura; pero siente la impresión de haber quedado allí muerto y de ser desenterrado por las explosiones. [...] Le extraña verse compadeciendo al Viance que ha quedado arriba.”(SENDER, 2006, p. 203).

Esta experiência nutre semelhanças com a do personagem do conto de Jorge Semprum (1923-2011), *O Olhar*, no qual diante do espanto de três militares britânicos que lhe vão resgatar, o prisioneiro reflexiona: “Talvez, eu não tivesse pura e simplesmente sobrevivido à morte, mas tivesse ressuscitado dela: [...]” (SEMPRUM, 1995, p.24).

Desde a tomada da *posición*, Viance empreende uma fuga alucinada e por onde passa assiste a cenas como as de “Dos cuerpos desnudos, clavados con un mismo piquete de alambrado, que los atraviesa por el vientre.”(SENDER, 2006, p.207-208) e de “Cuerpos desnudos, mutilados, uno con las piernas cortadas sobre la rodilla y las insignias de oficial en la boca.”(SENDER, 2006, p.208). Chacais, corvos e porcos fazem dos cadáveres suas refeições e complementam o cenário revestido da presença inarredável dos mouros.

Nos contornos sucessivos deste terror, a solução que a mente de Viance passa a tolerar e admitir como lugar para sua sobrevivência não é uma escolha entre as vidas orgânica e animal de Bichat, mas uma simbiose entre as duas. Nela toda manifestação exterior se encaminha para diluir-se na interior, buscando transformar a sôfrega manifestação do seu corpo em uma unidade entre o orgânico humano e o da natureza, de onde progressivamente insufla em Viance a força de um instinto, que não é regida pela potência animal mas pelo desejo de integração cósmica.

Este estado mental oportuniza uma imersão metafísica, “ Viance pierde poco a poco la noción física de sí mismo, [...]”(SENDER, 2006, p. 210) e mesmo as referências geográficas humanas vão se esvaindo. Por exemplo, o momento do assalto mouro à *posición* R. é descrito da seguinte forma: “La posición forma parte ya de un mundo de recuerdos, fuera del momento que se proyecta sólo sobre la sed, la mugre, la desesperanza, convertida ya en un accidente también físico.”(SENDER, 2006, p. 200). Quando Viance encontra uma tropa do Regimento de Infantaria San Fernando, um soldado ao lhe informar sobre Annual, também o faz como se o acampamento se diluía no ar, ao dizer que: “¡Ah, rediós! Annual ya no está en ningun sitio.” (SENDER, 2006, p. 211).

Ao lado da crueza do massacre, o olhar possível do sobrevivente passa a conviver com os olhos cerrados em definitivo do morto que ficou na *posición* R. Um choque tão intenso em tão curto tempo transfigura a paisagem olhada submergindo-a em “Un planeta muerto, aniquilado por las furias de un apocalipsis. Silencio y muerte

infinitos, sin horizontes, prolongados en el tiempo y en el espacio hasta el origen y el fin más remotos.” (SENDER, 2006, p. 245)

A dissolução de seu Eu progride diante de uma tragédia que já não possui nomes para representa-la e nem limites que contingenciem a multiplicação dos horrores. Chegando no acampamento igualmente arrasado de Tistutin, este limite da resistência psíquica ultrapassada alija de Viance qualquer noção ou juízo anterior. Ele agora está livre de qualquer condicionamento ou ideia sobre o mundo, sobre os outros, sobre si próprio. Está livre para ver. Este Viance desconformado de suas obrigações, de suas recordações e da fatalidade de que se cria prisioneiro “Ahora tiene una libertad bárbara e implacable, más dura que la peor disciplina, una libertad de cosa inorgánica, de piedra o de árbol, enorme e inútil.”(SENDER, 2006, p. 239). O arremedo de percepção de Viance se esfarinha, ultrapassa o animal, o orgânico e na sua fragilidade se irmana e se reconhece na dimensão do inorgânico.

No aprofundamento desta fragmentação psíquica Viance sofre um renascimento. Cavaleiros mouros perseguem a soldados espanhóis a pé. Viance está em meio a uma planície desnuda que permite a sua fácil descoberta. Sem contar com nenhum abrigo natural próximo se refugia no ventre de um cavalo morto. Curiosa é a relação que se dá. Na frase “Ha desmontado la bayoneta para no herir al caballo con súbito respeto, casi filial, [...]”(SENDER, 2006, p. 242), nos surpreende um sentimento filial que o cavalo morto inspira a Viance. O ventre despedaçado do equino lhe dá o abrigo do ventre protetor materno. A sensação que Viance tem remete à do bebe no útero prestes a nascer.

No ve más que una dirección; pero le basta, porque el oído suple da deficiencia [...]. Ocorre uma identificação de Viance com aquelas paredes, pois ele sente que [...] su materia es igual a que la que la circunda, que hay un sólo género de materia y que toda está animada por los mismos impulsos ciegos, obedientes a una misma ley. (SENDER, 2006, p.243).

E como em um recém- nascido, “El deseo de llorar es superior a su cansancio, a su sed, al hambre y a los dolores de las tres heridas.”(SENDER, 2006, p.243).

A narrativa nos dá uma contribuição capital para entender-se a essência da mudança que ali se processa. Diz o texto o seguinte:

Viance que no puede hacerse estas reflexiones, intuye, sin embargo, la razón por la cual el contacto con el caballo muerto no le produce asco. Se siente momentáneamente reconciliado con la materia. Las impresiones morales han sido tan fuertes, tan vivas que esa manera sentimental de reflexionar, que constituye para la mayor parte de los

hombres una apariencia engañosa de entendimiento y de talento, ha quedado aniquilada, y sólo queda el instinto, más agudo cada momento, más poderoso cada día. (SENDER, 2006, p.243)

Há dois dados interessantes nesta confissão. O primeiro é a reconciliação com a matéria. Viance sente nele, o orgânico, o animal e o inorgânico a partir daquele instante usufruindo de uma intimidade e sobretudo de uma unidade. Não há mais barreiras, nem corpos intransponíveis ou indissociáveis. É nesse sentido que ele se enxerga como parte de um cosmo e sujeito a uma só lei.

O segundo dado é aquele que associa à sua vivência intrauterina, uma potência moral tão intensa que é capaz de aniquilar os parâmetros morais que o acompanhavam até então. Este novo espaço de consideração moral contrapõe a compreensão unicamente emocional da vida a uma compreensão puramente instintiva aonde a moral fica reduzida à simplicidade da lei do mais forte. No entanto ao invés de ele sentir asco por este tipo de justiça crua, ele a aceita porque: “[...] el instinto sano y aguijoneado por la tragédia le hace sentir una ternura sin limites por ese pencho despanzurrado que le sirve de guarida. (SENDER, 2006, p. 243).

A ruptura que gera o renascimento de Viance, irá lhe permitir olhar e compreender os acontecimentos que se seguirão, divisando pela ótica do instinto a forma como se comportam não só os homens em relação com os outros homens, mas como os estados e as religiões se comportam em relação aos demais homens. Não por acaso, ao sair do ventre do cavalo, um ancião que na verdade é um soldado espanhol desertor da Guerra de Tetuán (1860) lhe pergunta seu nome e ele não se recorda. O velho insiste: “¿No te acuerdas de tu nombre?” (SENDER, 2006, p.246-247) E finalmente irritado Viance admite: “¿Coño, no me acuerdo!” (SENDER, 2006, p.246-247). De fato, um nascituro não conhece nome até que seus pais lhe deem um.

Procurando manter o foco nos objetivos deste trabalho, ignoraremos os inúmeros episódios seguintes, bem como as sucessivas alterações de consciência que Viance ainda sofreria para nos determos nas consequências da situação traumática.

Ao chegar finalmente em Melilla, guarnição espanhola, fugido de um campo de prisioneiros árabes, Viance espera um acolhimento. Que lhe tratem as feridas, que o alimentem, que lhe confirmem um merecido repouso, que o vistam e lhe concedam uma licença na Espanha. Espera até mesmo que reconheçam valor na sua ação em combate e lhe deem uma medalha ou uma promoção. Tudo isso espera Viance com justa expectativa.

No entanto, recebe tudo ao contrário. Um capitão o insulta por ele confundi-lo com um tenente. No hospital cuidam de suas feridas, dão-lhe uma caneca de café com leite, mas não deixam-lhe pernoitar por uma justificativa burocrática. Não havia dado baixa no seu regimento portanto não poderia manter-se no hospital porque ao receber alta, oficialmente ele ainda estaria no seu regimento. Só que sua unidade fora completamente destruída. Vianca suplica à freira que o havia recebido: “Llevo diez días sin dormir y casi sin comer. ¡Estoy herido! ¡Por su madre, hermanita! Aquí deben sobrar camas.”(SENDER, 2006, p. 394) Diante da recusa da religiosa, já em plena rua, pensa consigo: “Esto le ha desconcertado más que todos los sucesos anteriores.”(SENDER, 2006, p. 395).

Submetido à revista médica apesar da flagrante debilidade e incapacidade é reconduzido ao serviço ativo. Rebelar-se. “– Digo sólo lo que quiero decir, y usted no cumple con su deber. Sabe bien que yo no estoy para hacer servicio.” (SENDER, 2006, p. 315). Pela insubordinação é punido com um reengajamento por mais dois anos. O capítulo encerra com o que passaria a ser uma das características de Vianca, um sorriso inexpressivo.

O final do relato do sucedido em *Annual* conduz o leitor ao tempo presente do acampamento que figurara na primeira parte do livro e que é reencontrado no capítulo seguinte a “*Annual, la catástrofe*”. Podemos agora medir algumas das idiosincrasias de Vianca que poderiam passar por maneirismos mas que são na verdade desbarrancamentos de uma mente traumatizada.

O olhar distante de Vianca é percebido desde as primeiras páginas. Na sua chegada ao acampamento, se registra nos soldados “[...] una mirada deslustrada, que en Vianca es una lejana y gris mirada de estupefacción.”(SENDER, 2006. p. 82). Vianca “[...] se siente vacío de afectos. No tiene otras simpatías que las de un vegetal por la luz, el agua, la tierra.” (SENDER, 2006, p. 96).

Quando o sargento Antonio, insiste para que Vianca lhe conte sua experiência em *Annual*, ele o faz movido pela curiosidade de “averiguar el secreto de su actual impersonalidad fría y endeble que le hace parecer tan lejano de si mismo.”(SENDER, 2006, p. 119). Em outra passagem mais adiante, o próprio Antonio reforça a imagem que já havia formado de Vianca. Antonio fala com ele “[...] y a veces tarda en contestar o no contesta. Sus traspiés son más acentuados de lo que los desniveles

justifican.”(SENDER, 2006, p. 131) De todas as maneiras, Viance é um ser que se arrasta, é um ser cujo desequilíbrio físico revela o desequilíbrio psíquico.

O sargento- narrador informa ainda que: “Un rutina que soy”. “No te quedan aún que comer pocos trompitos”. “Respeto a tu abuelo”. “Mala suerte”. Ocho o diez frases así constituyen su bagaje, y lleva cuatro años repitiéndolas, según los casos, con su extraña risa sin objeto. (SENDER, 2006, p. 131-132).

São anotações desta ordem que nos fazem olhar para Viance e seus companheiros como uma prefiguração dos processos traumáticos que ocorreriam na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Civil Espanhola. Viance se utiliza de um repertório exíguo de frases porque a linguagem não cumpre mais sua função de mediadora entre a realidade externa e a interna. Ele não viveu isolamento total de um campo de concentração, aonde como Renato Lessa informa ao recordar Primo Levi, se convive com o guarda alemão dizendo: aqui não existe “por que?”. (LESSA, 2009, p. 92). Não que Viance não possa perguntar “Por que”? Ele pode. Inclusive ao contrário dos campos de concentração, as reais causas dos atos hostis e preconceituosos lhe são conhecidas. A questão é que este conhecimento não media mais nada, a linguagem cumpre uma lânguida função de apenas pontuar o inevitável e o inegociável. Dentro do mesmo tema, Márcio Séligmann – Silva ao citar Martín Bergmann evidencia que um dos pontos para uma abordagem da cena traumática é que: “a capacidade de falar e agir por metáforas foi perdida”. (BERGMANN apud SÉLIGMANN, 2005, p. 68), o que explica a precariedade semântica de Viance.

Sem dúvida, há uma projeção metonímica entre Viance e seus companheiros. Não por outra razão, Antonio reflexiona que: “Ese palúdico está quizá viviendo también el epílogo de una tragedia tan vulgar como la de Viance. Aquí la desgracia se viste de uniforme y la tristeza tiene una frialdad enloquecedora. (SENDER, 2006, p. 131). No prólogo, Sender ao falar da relação entre os fatos narrados e a imaginação, comenta que:

Cualquiera de los doscientos mil soldados que desde 1920 a 1925 desfilaron por allá podía firmarlas. Y desde luego su protagonista se puede “comprobar” en la mayor parte de los obreros y campesinos que fueron allá sin ideas propias, obedeciendo un impulso ajeno [...] (SENDER, 2006, p. 77)

Esta proximidade nos permite ver uma conexão clara entre a problemática de Viance, a problemática dos obreiros, camponeses e soldados ficcionais, bem como os efeitos traumáticos ocasionados por elas.

Esta sinergia existencial faz com que ainda que eles não estejam encarcerados, a sensação presente em todos seja a de uma prisão. Um destino comum. Um trauma comum. Vários trechos do romance confirmam esta impressão. Um primeiro reforço à esta ideia vem do fato que o regimento de Viance, o Ceriñola 42, foi originalmente na África uma unidade disciplinária, de prisioneiros. Em uma segunda passagem de Viance em sua fuga, o narrador informa que “Lo barranco lo acoge como una cárcel.” (SENDER, 2006, p. 164). Um terceiro dado surge do episódio em que após dias andando a ermo, Viance se refugia na *Fabrica de Harinas*, aonde há um reduto de soldados espanhóis defendendo-se. Paradoxalmente, para ele, a fortificação não lhe dá:

[...] una impresión de seguridad, sino una vaga sensación de encarcelamiento. Antes, el campo le ofrecía mil caminos en cada caso para huir, para escapar. Ahora la habitación, los pasillos, el choque con la ordenanza militar, han venido a cuadricular, a geometrizar el miedo, la desolación, la desesperanza, a encasillar las posibilidades de salvación. [...] Viance tiene más miedo que antes y se siente encerrado en él como en una jaula, (SENDER, 2006, p.274).

Acreditamos que esta sensação de encarceramento somada à própria prisão do destino de que Viance se crê fadado, coloca-o junto com seus companheiros de fortuna, envolvidos pelas grades simbólicas de seu tempo e de suas circunstâncias, proporcionando alguns dos efeitos traumáticos que se verificariam anos más tarde.

Não por casualidade, Viance em sua viagem de retorno à Espanha, pressagia Primo Levi (1919- 1987), mais de vinte anos antes, com palavras quase idênticas. Jeanne Marie Gagnebin (1949- ) nos conta um sonho que P. Levi tinha em Auschwitz, o qual descobriu que era recorrente aos seus companheiros. Gagnebin descreve-nos que neste sonho, P. Levi “Sonha com a volta para casa, com a felicidade intensa de contar aos próximos o horror já passado e ainda vivo e, de repente, percebe com desespero que ninguém o escuta, que os ouvintes se levantam e vão embora, indiferentes.” (GAGNEBIN, 2006, p. 55).

Após o encerramento do relato sobre o Desastre de Annual, a narrativa volta ao tempo presente do acampamento aonde o exército espanhol se prepara para *meter el convoy en T*. Viance conta ao sargento Antonio que lhe reengajaram por mais dois anos, e que está perto de cumprir seu tempo de serviço. Estamos em agosto de 1923 e ele conta que em fevereiro de 1924 se licenciará. No entanto, como a digerir um dilema interior ele murmura: [...] ¡Es igual! Ya le digo a usted que es igual. Nadie me espera

allá; aunque me esperarán no me conocerían, y aunque me conocieran no me entenderían, ni yo a ellos. (SENDER, 2006, p. 317).

O que provavelmente Viance sentia naquele instante, assim como ocorreria a Primo Levi, era a intraduzibilidade do horror sofrido e a impossibilidade de compartilhamento daquela experiência. O que provavelmente Viance sentia era uma espécie de orfandade do restante da Humanidade que podia caber na forma de letras.

Finalizando, gostaríamos de tecer um breve comentário sobre a forma que a questão do testemunho se reflete na estética do romance. A narrativa em *Imán* é uma narrativa fragmentária. De fato há uma incidência de imagens recolhidas da memória que como Gagnebin comenta, projetam a aura de [...] uma imagem fantasmática que assombra o indivíduo traumatizado (GAGNEBIN, 2006, p. 72).

Annual é para Viance, para os que o viveram e mesmo de certa forma para o povo espanhol, um espectro que atormenta e denuncia. Contudo somente em parte a fragmentação da narrativa é produto das dificuldades de composição narrativa próprias do trauma sofridos pelos sobreviventes. Como havíamos dito ao início deste trabalho, Sender serviu no exército espanhol durante a Guerra del Rif, entre 1923 e 1924, ou seja, dois anos após o Desastre de Annual. É natural que tenha convivido com sobreviventes desta tragédia, ainda mais considerando-se que Sender serviu no *Regimiento de Infantería Ceriño La número 42* que foi praticamente aniquilado durante aquele evento.

O professor Nil Santiáñez no prólogo da edição de *Imán* de 2006, elabora algumas considerações interessantes sobre esta questão. A primeira delas nos põe no lugar de Sender, escutando as diversas histórias contadas por seus companheiros de farda. Santiáñez pondera que:

La variedad de historias sobre un mismo hecho, sus discrepantes versiones de los acontecimientos, así como la distorsión informativa consustancial a una experiencia traumática originan a quién las lee o escucha, una incertidumbre epistemológica. (SANTIÁÑEZ, 2006, p. 20).

Devemos considerar que tal proposição de imediato evoca um problema para a composição narrativa do autor Sender. Como estabelecer uma narrativa para o universo compreendido por aqueles relatos.

Um segundo ponto que Santiáñez tangencia é a questão da subordinação da narrativa das testemunhas às limitações de seu ponto de vista físico. Não por outra razão ele comenta que: ‘Los relatos de los supervivientes de una guerra contienen una dimensión paradójica: su autenticidad es directamente proporcional a la limitación de la

perspectiva, pues el soldado sólo puede contar con veracidad su propia experiencia.” (SANTIÁNEZ, 2006, p.20).

Portanto acreditamos que uma das razões do caráter fragmentário do romance seja o esforço do autor em acolher a experiência tão diversa e por vezes contraditória, daqueles que viveram a tragédia. É por este motivo que entendemos que em Imán: “[...] la multiplicidad de historias, la imposibilidad de unificarlas en un sólo relato, la dificultad de narrar experiencias casi incomunicables y la consecuente erosión de toda certidumbre epistemológica.”(SANTIÁNEZ, 2006, p. 21), contribuem para uma tessitura textual descontínua.

Um outro ângulo possível pelo qual podemos olhar esta questão é baseado na tensão observada por Santiáñez a partir de algumas ideias de Maurice Blanchot (1907-2003). O professor nos afirma que:

Para Blanchot, el desastre implica una ruptura con toda forma de totalidad ( *L'Écriture du desastre*, Gallimard, París, 1980, p.121),[...] En consecuencia, el desastre supone “ la ruina de la palabra” (p.58) y conlleva la disolución de la unidad del sujeto que lo ha vivido (p.67). El desastre *des – escribe*(p.17), limita y erosiona la capacidad del individuo para darle sentido con el pensamiento y expresarlo con el lenguaje.( BLANCHOT apud SANTIÁNEZ, 2006, P.51).

Santiáñez sugere que os limites que este *describir* impõe a escrita revela uma ambivalência que se nutre de uma cumplicidade entre a aceitação do horrível para conhecer- lo e o estímulo à agregação de poder em conseguir descrevê-lo. Deste modo, ele compreende que “En la novela Imán de Sender se articula la tensión entre la dificultad de representar el desastre y la necesidad de hacerlo. (SANTIÁNEZ, 2006, p. 52).

Portanto, Santiáñez nos sinaliza claramente para um problema ético nesta escrita de guerra. O que contar, como contar e para que contar o testemunho de um desastre. É presumível que paralela à descontinuidade e dificuldades de representação do desastre, a modulação estética também obedeça à uma modulação ética que nem sempre leve em conta a unidade discursiva.

O problema ético da escritura do desastre, inclusive está presente em Sender por outro viés. Arturo Barea (1897 – 1957), assim como Sender lutou na Guerra del Rif e como escritor publicou livros sobre o tema como *La forja de un rebelde* (1951). Surpreso ao ler jornais da época do conflito dizia: “La guerra – mi guerra – y el desastre de Melilla – mi desastre – no tenían semejanza alguna con la guerra y el desastre que

estos periódicos españoles desarrollaban ante los ojos del lector.”(SANTIÁNEZ, 2006, p. 53)

Sender, enquanto periodista do *Telegrama del Rif*, ao descrever a rotina da vida militar também incorrera senão num tom ufanista, pelo menos numa descrição condescendente com os tradicionais valores militares. A trajetória entre os artigos do *telegrama del Rif* e *Imán* é a trajetória de uma escrita e de uma consciência buscando através das tintas alcançar a forma justa ao testemunho de quem não teve voz.

No capítulo VIII, um soldado do *Regimiento de Caballería Alcántara número 14*, valorosa unidade quase totalmente aniquilada, que a despeito da debacle cobriu a retirada da *columna Navarro*, cai mortalmente ferido perto de Viance. Em meio a um extenso diálogo o soldado diz a Viance:

[...] – Soy Benito, de Torres de Guadiana.

Se encoge de hombros Viance:

- ¿Y qué?

- Si sales con vida, podías escribir esto al pueblo. ¿O es que vamos a morir sin que nadie se entere?(SENDER, 2006, p. 218)

*Imán*, restitui à História, as vidas de tantos que sequer tiveram sepultura e de muitos outros que continuaram a viver como cadáveres insepultos. Todos dignos de uma memória que confirmasse a certeza do soldado do *escuadrón de Alcántara*. “¡Oyes! Pero si creen que después nadie va a acordarse de nosotros, se van a llevar buena sorpresa. Te juro que sí.” (SENDER, 2006, p.218).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio, *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 139 -169.

GAGNEBIN, Jeanne Marie, *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo. Editora 34, 2006, p. 39 -57 e p. 97 -105.

LESSA, Renato. O silêncio e sua representação. In: \_\_\_\_\_ SCHWEIDSON, Edelyn (org). *Memória e cinzas. Vozes do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 2009,

SANTIÁÑEZ, Nil, “Imán” y la escritura de guerra. In: \_\_\_\_\_ SENDER, Ramón J. *Imán*. Barcelona: Crítica, 2006, p. 7 – 74.

SÉLIGMANN –SILVA, Márcio. Literatura e Trauma, testemunho e tragédia: pensando algumas diferenças. In: \_\_\_\_\_. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo. Editora 34, 2005. P. 63 – 104.

SEMPRUM, Jorge. *A escrita ou a vida*. Tradução de Rosa Freyre D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13 – 63.

SENDER, Ramón J. *Imán*. Barcelona: Crítica, 2006